



TRAMA GOLPISTA

Da Presidência à preventiva

Prisão por violação de tornozeleira e possível fuga fecha um ciclo marcado por atos que colocaram a democracia sob pressão

Reprodução de vídeo



Ed Alves/CB/D.A Press



Tércio Teixeira/AFP



Evaristo Sá/AFP



30 de dezembro — Bolsonaro viaja para os Estados Unidos para não passar a faixa presidencial a Lula. Retorna ao Brasil em 30 de março do ano seguinte.

2023

8 de janeiro — Intensificam-se os atos golpistas na frente dos quartéis para impedir que o governo Lula começasse. Num domingo, organizadamente, bolsonaristas que vieram de vários pontos do país se uniram àqueles que estavam acampados em frente do Quartel-General do Exército e desceram para, supostamente, um protesto na Esplanada. Mas romperam as barreiras de isolamento e invadiram as sedes dos Três Poderes, depredando-as. Centenas de pessoas foram presas logo depois e nas horas que se seguiram ao vandalismo.

30 de junho — Bolsonaro foi declarado inelegível pelo TSE, por 5x2, por abuso de poder econômico nas eleições e utilização indevida dos meios de comunicação. Isso porque a reunião com os embaixadores, em 18 de julho, foi transmitida pela TV Brasil, veículo de comunicação oficial da União. Ele não pode disputar eleições até 2030.

2025

18 de julho — Ex-presidente passou a usar tornozeleira eletrônica por determinação de Alexandre de Moraes, no âmbito da ação da trama golpista. Também estava obrigado ao recolhimento domiciliar noturno, à proibição de se comunicar com outros investigados ou acessar redes sociais.

4 de agosto — Moraes determina a prisão domiciliar de Bolsonaro por descumprimento reiterado de medidas cautelares — como proibição de uso de redes sociais.

11 de setembro — STF forma maioria para condenar o ex-presidente. A pena de 27 anos e três meses de prisão é porque foi considerado chefe da organização criminosa que se formou para dar um golpe de Estado depois das eleições de 2022.

» MARIANA REGNATO

» FÁBIO GRECHI

Com a anulação das condenações de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2021, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), no âmbito da Operação Lava-Jato, o então presidente Jair Bolsonaro deu início, gradativamente, ao ataque ao sistema eleitoral brasileiro. No inquérito da trama golpista, que o condenou em setembro passado, é ressaltado que procurou "estabelecer um discurso sobre urnas eletrônicas e votações" e replicar essa narrativa "novamente e constantemente, a fim de deslegitimar possíveis resultados eleitorais que lhe fossem desfavoráveis e propiciar condições indutoras da deposição do governo eleito". Por essa e outras acusações, o ex-presidente foi condenado a 27 anos e três meses de prisão. Segundo a decisão da Primeira Turma do STF, ele chefiava uma organização criminosa que tentou dar um golpe de Estado. Relembre as principais datas dessa trajetória, que culminou com a prisão preventiva, ontem, pela tentativa de violar a tornozeleira eletrônica que vinha sendo obrigado a utilizar desde agosto.

2021

7 de setembro — As críticas às urnas eletrônicas escalaram em intensidade e agressividade. Bolsonaro aproveitou diversas ocasiões para deslegitimar o processo eleitoral. No Dia da Independência, afirmou em comício na Avenida Paulista que não mais se submeteria às deliberações do STF. "Aqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: só Deus me tira de lá. E aqueles que pensam que, com uma caneta, podem me tirar da Presidência, digo uma coisa, para todos nós. Temos três alternativas, em especial para mim: preso, morto ou com vitória. Aos canalhas: eu nunca serrei preso". No mesmo evento, atacou o ministro Alexandre de Moraes — "deixe de ser canalha", disse, ao microfone. À época foi preciso uma articulação, costurada pelo ex-presidente Michel Temer, para apaziguar os ânimos junto ao STF, então presidido por Luiz Fux. Foi quando, em 9 de

setembro, foi divulgada uma "Carta à Nação", na qual o ex-presidente recuava e negava a intenção de agredir os Poderes.

2022

5 de julho — Com as pesquisas de opinião junto ao eleitorado indicando que Lula poderia voltar à Presidência, Bolsonaro deu início a movimentos ostensivos considerados preparatórios para o golpe. Nesta data, o então presidente comandou uma reunião ministerial na qual discutiu-se estratégias para

reagir a uma eventual derrota. Foi eles mesmos que advertiu que, se não reagissem antes, haveria "caos". O então ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), general da reserva do Exército Augusto Heleno chegou a propor uma "virada de mesa" antes que não houvesse mais tempo para tal.

18 de julho — Bolsonaro reúne-se com embaixadores, no Palácio da Alvorada, acusando — sem provas — que haveria fraude no sistema eleitoral. Ele fez acusações e levantou "dúvidas" sobre a lisura das urnas eletrônicas com o objetivo, segundo a acusação da PGR que levou à condenação do ex-presidente, de minar a credibilidade do processo perante a comunidade internacional. Nesse momento, uma intensa movimentação de bastidores levou militares bolsonaristas e seus assessores a pressionaram comandantes militares para aderirem ou apoarem ações de ruptura institucional após a eventual derrota eleitoral.

30 de outubro — No dia do segundo turno da eleição presidencial, policiais rodoviários federais fizeram blitz em várias estradas do Nordeste, onde estava a principal base eleitoral de Lula. O então diretor-geral da PRF, Silvânei Vasques, foi convocado pelo então presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Alexandre de Moraes, a explicar as intervenções e foi avisado de que seria preso se os bloqueios não fossem levantados para restabelecer a livre circulação de eleitores.

Entre 1º e 14 de novembro — Com Bolsonaro encastelado no Alvorada, sem reconhecer a vitória de Lula, ocorreram uma série de reuniões nas quais avaliava-se "meios constitucionais" para não confirmar a volta do candidato do PT à Presidência. Numa delas, foi apresentada a chamada "minuta do golpe", levada por Felipe Martins, então assessor para Assuntos Internacionais do ex-presidente. A versão que prevalece é que somente o comandante da Marinha, almirante Almir Garnier, aderiu à proposta de uma quartelada. O general Marco Antônio Freire Gomes, então comandante do Exército, e tenente-brigadeiro Carlos de Almeida Baptista Júnior, então comandante da Aeronáutica, teria dito "não" ao plano. Gomes, inclusive, teria avisado a Bolsonaro que lhe daria voz de prisão caso insistisse no projeto.



Clauber Cleber Caetano/PR

mais preocupadas com a eleição do ano que vem do que com Bolsonaro. Muitos vão usar o nome do "mito" nas ruas para obter votos, mas não estão fazendo questão da presença do ex-presidente em seus palanques", observou o professor Rodrigo Stumpf González, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na visão de Rudá Ricci, doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o bolsonarismo tem muito poder de mobilização nas redes sociais, porém não conta com uma base política sólida. "A

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

Força institucional

Pedro Hermílio Villas Bôas Castelo Branco, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado Rio de Janeiro (Iesp-Uerj), interpreta a prisão preventiva como demonstração clara da força das instituições — apesar de todos os ataques praticados pelo bolsonarismo. "A prisão preventiva mostra que a democracia brasileira é capaz de se

defender, que existe uma maturidade institucional que permite a defesa da democracia. Isso vai ficando evidente ao longo do tempo, mas sobretudo com a condenação do núcleo principal da trama golpista", ressaltou.

Para Castelo Branco, o país mostra maturidade ao lidar com a escalada de tensões ligadas ao ex-presidente. "O Brasil tem muito a ensinar sobre defesa da democracia a outros países. É um fortalecimento institucional a capacidade do Estado Democrático de Direito de sinalizar para a sociedade que ninguém está acima

dele, nem chefes de Estado, de governo. Nenhum presidente está acima do Estado Democrático de Direito", frisa.

Segundo o cientista político Leonardo Paz Neves, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a prisão de Bolsonaro, feita de maneira discreta, reduziu o risco de comoção nas ruas e de que se tornasse um grande fato político. "As coisas foram acontecendo um pouco a conta-gotas. Vai ter um impacto muito menor do que se ele fosse tirado da casa direto para a Papuda, com um monte de gente na porta da casa dele", afirmou.

» VANILSON OLIVEIRA

Para especialistas ouvidos pelo Correio, a prisão preventiva de Jair Bolsonaro pode ser analisada como um duro golpe nas pretensões eleitorais da direita. Creem, ainda, que o ex-presidente continuaria sendo um cabo eleitoral importante apenas para os radicais que o elegeram defendendo suas bandeiras, pois, para a direita tradicional, a tendência é de afastamento para evitar uma contaminação que pode tornar-se um desgaste nas urnas.

"As grandes lideranças estão começando a se distanciar, pois estão

mais preocupadas com a eleição do ano que vem do que com Bolsonaro. Muitos vão usar o nome do "mito" nas ruas para obter votos, mas não estão fazendo questão da presença do ex-presidente em seus palanques", observou o professor Rodrigo Stumpf González, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na visão de Rudá Ricci, doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o bolsonarismo tem muito poder de mobilização nas redes sociais, porém não conta com uma base política sólida. "A

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

Força institucional

Pedro Hermílio Villas Bôas Castelo Branco, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado Rio de Janeiro (Iesp-Uerj), interpreta a prisão preventiva como demonstração clara da força das instituições — apesar de todos os ataques praticados pelo bolsonarismo. "A prisão preventiva mostra que a democracia brasileira é capaz de se

defender, que existe uma maturidade institucional que permite a defesa da democracia. Isso vai ficando evidente ao longo do tempo, mas sobretudo com a condenação do núcleo principal da trama golpista", ressaltou.

Para Castelo Branco, o país mostra maturidade ao lidar com a escalada de tensões ligadas ao ex-presidente. "O Brasil tem muito a ensinar sobre defesa da democracia a outros países. É um fortalecimento institucional a capacidade do Estado Democrático de Direito de sinalizar para a sociedade que ninguém está acima

dele, nem chefes de Estado, de governo. Nenhum presidente está acima do Estado Democrático de Direito", frisa.

Segundo o cientista político Leonardo Paz Neves, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a prisão de Bolsonaro, feita de maneira discreta, reduziu o risco de comoção nas ruas e de que se tornasse um grande fato político. "As coisas foram acontecendo um pouco a conta-gotas. Vai ter um impacto muito menor do que se ele fosse tirado da casa direto para a Papuda, com um monte de gente na porta da casa dele", afirmou.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou, referindo-se a deputados Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Alexandre

Ramagem (PL-RJ), que foram se refugiar no exterior para evitar a prisão.

primeira característica aqui é perceber o quanto frágil era a estrutura organizativa desses expoentes que se notabilizaram pela capacidade de mobilização e excitação da base", analisa.

Ele acrescenta que, na comparação com outros partidos, como o PT ou MDB — que enfrentaram crises —, a fuga de figuras do entorno de Bolsonaro mostra a falta de sustentação. "Parlamentares de outros partidos quando tiveram problemas, não fugiram", frisou,